



O «SERTANEJO». GUIMARÃES ROSA E A DESORDEM

EL «SERTANEJO». GUIMARÃES ROSA Y EL DESORDEN

THE «SERTANEJO». GUIMARÃES ROSA AND DISORDER

María Teresa Toribio Brittes Lemos*

Cómo citar este artículo/Citation: Lemos, M.T.T.B. (2023). O «Sertanejo». Guimarães Rosa E A Desordem. *XXV Coloquio de Historia Canario-Americana (2022)*, XXV-094. <https://revistas.grancanaria.com/index.php/chca/article/view/10931>

Resumo: Esta comunicação analisa a obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

Palavras chave: Rosa, Grande Sertão, cosmovisão.

Resumen: Esta comunicación analiza la obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*

Palabras clave: Rosa, Grande Sertão, cosmovisión.

Abstract: This essay is about the work of João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*

Keywords: Rosa, Grande Sertão, worldview.

A obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* suscitou-me o desejo de escrever sobre o imaginário desse homem fantástico – o sertanejo. Da mesma forma que para o autor «o sertão é intuído e não analisado, reproduzido e não descrito», tenciono compreender as formas de pensar do sertanejo, através das representações simbólicas do que seja o sertão, pois «o sertão está em toda parte...o sertão é do tamanho do mundo»¹.

Os sertanejos guardam na memória coletiva as tradições e os costumes antigos, especialmente a religiosidade popular, rústica, do colonizador português. Por esse motivo, torna-se importante entender como ele imagina Deus, diabo, as relações entre o diabo e os homens e as punições, entre outras categorias religiosas que permeiam a região agreste.

O sertão parece não ter fim, longe de povoados e de terras cultivadas e, com um clima causticante como o semi-árido, o homem precisa desafiar a natureza para nele sobreviver. Esse desafio constante e contínuo exercita o seu imaginário, fazendo-o conceber a natureza como ela realmente se apresenta: árida, dolorida, sofrida e má. De bom, apenas conhece a graça divina - Deus, que também não se aproxima muito dessas terras: «o sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!»².

Na cosmovisão sertaneja o sertão é dominado pelo diabo, chamado de demo, o Cujo, capiroto, capeta, cão e satanzim, entre outros tantos nomes que o sertanejo conhece. Ele vê

* Pos-Graduação História Política PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rua das Laranjeiras, 585, apt. 804. 22540005, Rio de Janeiro, Laranjeiras. Brasil. Teléfono: +55 21 988945127; correo electrónico: mtlemos@uol.com.br

1 ROSA (1986), p. 1.

2 ROSA (1986), p. 3.



na figura do diabo a encarnação do mal, evita falar o seu nome «em falso receio, desfalcam no nome de - dizem só: o Que-Diga»³ Como tudo é difícil no sertão, viver torna-se «um negócio muito perigoso...»⁴.

Para explicar as formas de organização do sertão, que são sutis, pois o desmando predomina pela força dos donos de terra, o sertanejo acredita que a maldade humana, a ruindade encontrada em certas criaturas, faz parte do diabo que vive dentro do homem. Por isso, encontra uma

forma simples para explicar o mal: «O diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos»⁵. E como não há lei nem ordem, os homens fazem o que querem. Para compreender a rudeza dos homens, o sertanejo acredita que o sujeito está endemoniado ou com encosto, e somente considera cidadão aquele que não possui o diabo dentro de si.

Embora nunca tenha visto o diabo, nem os espíritos, o sertanejo acredita que o diabo regula as formas de pensar nos seres humanos, tanto mulheres, homens como crianças e cita o ditado «menino - trem do diabo»⁶.

Nas representações simbólicas sobre a região, o sertanejo vê a presença do diabo em toda parte: «o senhor já viu, por ver, a feiura de ódio franzido, caratanho nas faces duma cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse roncar e engolir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, corvo, alguns deles já representam a precisam de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar o bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo. Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas venenosas, que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são os demos»⁷.

Mas, como todo ser humano, o sertanejo traz em si a dualidade. Ao mesmo tempo em que teme o diabo que anda solto fora e dentro dos homens, também acredita que a religião é necessária «para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura»⁸. Acredita que há necessidade de muita religião.

No texto, o personagem Riobaldo conta que reza como cristão, católico, aceita as preces do compadre Quelemém, do Matias que é crente, metodista e ainda encomenda rezas para uma preta chamada Maria Leôncia que possui muito poder: «quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo!»⁹.

Para o sertanejo o céu é a redenção. Embora ele acredite que as pessoas possam mudar, pois nem sempre elas serão ruins, porque ainda não estão «terminadas», Tele acredita que há o espaço da bondade no indivíduo. Pela experiência de vida, observa que «elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam»¹⁰ e por isso para se chegar ao céu demora muito.

Um dos aspectos que deve ser ressaltado na concepção mental do homem do sertão é a relação entre Deus e o Diabo, pois não há muita diferença no modo de agir entre essas divindades. Diferentemente, da ortodoxia cristã, o sertão ainda conserva a concepção do Deus do Antigo Testamento, que não perdoa facilmente. Esse Deus para o sertanejo, complementa-se com o meio brutal, pois Deus também é ardiloso. Deus também faz suas traições, só que essa atitude divina tem o caráter de punição para aqueles que fazem maldade. A divindade, nesse caso, também segue as leis da região. O diabo de um jeito e Deus do outro, mas ambos se assemelham

3 ROSA (1986), p. 2.

4 ROSA (1986).

5 ROSA (1986a), p. 3.

6 ROSA (1986b), p. 3.

7 ROSA (1986c), p. 3.

8 ROSA (1986d), p. 8.

9 ROSA (1986e), p. 9.

10 ROSA (1986f), p. 15.

nas ações. A diferença, é que a ação de Deus, é considerada uma necessidade para dar um basta aos excessos cometidos pelos desmandos, enquanto a do diabo é para incentivar a crueldade.

Essa visão é bem explicitada quando Riobaldo tece considerações sobre Deus e o diabo. Para ele:

o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro - dá gosto! A força dele quando quer - moço! -me dá medo pavor! Deus vem vindo: ninguém vê. Ele faz é na lei do mansinho - assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza¹¹.

A vida no sertão, longe das leis e próxima da rusticidade herdada da colonização, molda as concepções mentais do sertanejo, aguçando a sua racionalidade, permitindo que ele distinga o bem do mal, com uma reflexão mecanicista, fruto da religiosidade que o ajuda a entender as cruzes sociais, sem mágoas, sem ódios, apenas como registro de um fato, cujo causador é diabo.

Assim, quando Riobaldo narra a história de um vizinho seu, que era um bom pai, que criava peixes, alimentando-os bem, mas que sem motivo aparente matou um velhinho que pedia esmola, logo recebeu a punição divina. Seus três filhos pequenos tiveram sarampo, não morreram, mas ficaram cegos. Para ele, o episódio serviu de lição, pois o homem ficou bom e caridoso, abraçou a religião e parece que ficou mais feliz. Quanto às crianças, quem sabe, noutra vida, não foram «mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar»¹².

Tentando entender a cosmovisão do sertanejo através desses textos, observo que a presença do diabo serve como elemento catalizador das diferenças. Não é fácil encontrar o mal e imputar ao outro toda a culpa de uma sociedade desigual. No entanto, no sertão, como não havia para onde recorrer, o diabo estava ali para justificar toda a desordem social, surgida pelo processo de exploração de uma sociedade desamparada que vivia amendrontada pelo poder dos fortes.

A presença do diabo tornou-se importante para a vida do sertão. Associado ao mal, ninguém era ruim. Quando fazia uma maldade era porque o diabo estava agindo dentro do indivíduo. Se ele se arrependesse e fosse punido com uma desgraça, estava salvo. Bastava sofrer ou que alguém que ele amasse sofresse para deixar de ser mau.

Dessa forma, o sertão forjou uma racionalidade, que permitia ao indivíduo entender a irrealidade de uma realidade contida na estrutura social. O imaginário sertanejo, de certa forma, trouxe um alívio e uma acomodação ao sofrimento imposto àquele povo que desconhecia formas mais amenas de se viver. Conviver com o diabo não é fácil, mas não é difícil entendê-lo.

BIBLIOGRAFÍA

- BALANDIER, G. (1997). *A Desordem*. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil.
CASTELLS, M. (2001). *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro, Brasil: Paz Terra.
ROSA, J.G. (1986). *Grandes Sertões e Veredas*. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.

11 ROSA (1986f), p. 15.

12 ROSA (1986a), p. 3.